

.III

Pré-História e Megalitismo na região de Cacela.
Uma proposta integrada de investigação,
valorização e protecção do património arqueológico

Nuno Inácio*
David Calado**
Francisco Nocete*
Francisco Curate***
Catarina Oliveira****
Ana Peramo*
Moisés R. Bayona*

Resumo

Com este texto pretende-se dar a conhecer as principais linhas orientadoras do projecto “Pré-História e Megalitismo na região de Cacela”, bem como a primeira fase da sua materialização: a escavação arqueológica no túmulo megalítico de Santa Rita. Desenhado como um projecto de investigação, os seus objectivos inserem-se numa política patrimonial centrada na conservação e divulgação do património histórico e arqueológico, no seio de uma prática arqueológica socialmente comprometida.

Abstract

This article presents the main objectives of the project: “Pré-História e Megalitismo na área de Cacela”. The first phase of the project is related with the archaeological excavations at the St Rita Megalithic tomb.

* Departamento Historia I, Universidad de Huelva.

** Direcção Regional de Cultura do Algarve (Faro)

*** Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra

**** Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela / Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

Introdução

O projecto intitulado “Pré-História e Megalitismo na região de Cacela” tem como finalidade a execução de um conjunto de medidas orientadas a Investigar, Salvar, Conservar e Divulgar o Património pré-histórico da área de Cacela, adscrito cronologicamente aos finais do 4.º e 3.º Milénio antes da nossa era (ane). Para a sua materialização, foi desenhado um programa de investigação de características convergentes, elaborado segundo uma programação que se apoiou nos seguintes aspectos:

- Medidas preventivas que impedissem a destruição do património arqueológico em risco de desaparecer, tanto por factores antrópicos (agricultura mecanizada, saque, espoliação, pressão urbanística, etc.) como naturais (erosão, vegetação, incêndios florestais, etc.).
- Medidas paliativas que recuperassem a informação arqueológica no âmbito de um modelo de investigação interdisciplinar consequente e congruente com os objectivos previamente traçados.

Deste modo, de forma a superar as lacunas informativas existentes actualmente, pretendia-se dar início ao estudo sistemático e integral dos casos arqueológicos (túmulos e povoados) que proporcionassem uma informação arqueológica com capacidade de identificar e explicar as práticas sociais que ocorreram entre o 4º e o 2º Milénio

ane nesta região, dotando um dos seus expoentes máximos – os túmulos megalíticos – de uma explicação histórica coerente e fundamentada que os contextualizasse no processo histórico onde se inscreviam (diacronia histórica) e no espaço social onde se inseriam (sincronia social).

Para o efeito, não só era necessário contar com um registo arqueológico idóneo, seleccionando um caso como laboratório de investigação, como era também imprescindível aplicar uma metodologia de avaliação empírica exemplar que servisse de suporte informativo ao programa de conservação e valorização que se pretendia desenvolver paralelamente.

A superação dos objectivos propostos implicava o emprego de uma estratégia que devolvesse à sociedade um bem colectivo (a História enquanto Património), através de uma acção integrada entre passado, presente e futuro em consonância com experiências lúdicas e pedagógicas relacionadas com o Património, História e Arqueologia (Nocete e Peramo, 2004; Nocete, Lizcano e Bolaños, 1999).

Antecedentes

Os túmulos megalíticos da região de Cacela foram dados a conhecer nos finais do século XIX por Estácio da Veiga (Veiga, 1886). Através da publicação da sua obra mais conhecida – Antiquidades Monumentaes do Algarve – onde este autor sintetiza os resultados da investigação até à data desenvolvida no Algarve. Dos vários exemplares documentados, os que mereceram maior atenção, pela riqueza do conjunto artefactual exumado e pelo estado de conservação que ainda patenteavam, foram os túmulos megalíticos de Nora e Marcela. Porém, as descrições de Estácio da Veiga relatam a existência de outros conjuntos, como o eventual túmulo megalítico de Cacela, os túmulos de Torre de Frades, bem como materiais diversos de recolha superficial adscritos genericamente à Pré-História Recente.

Apesar da sua classificação conjunta como Monumentos Nacionais em 1910, os túmulos megalíticos de Nora e Marcela encontram-se hoje destruídos, restando tão-somente para usufruto do conhecimento e da sociedade as descrições de Estácio da Veiga e os materiais exumados.

Recentemente, a execução de um conjunto de medidas prévias de identificação e classificação do património histórico e arqueológico no concelho de Vila Real de Santo António, que incluíram os trabalhos arqueológicos de prospecção sistemática e integral da área em estudo, realizados no âmbito da Carta do Património de Cacela (Acção Piloto Portugal-Espanha-Marrocos enquadrada no art. 10º FEDER) e dirigidos por Cristina Garcia e David Calado, permitiram estabelecer um conjunto de medidas cautelares preventivas que garantiram a protecção e conservação do património arqueológico ainda inédito e por classificar (Garcia, 2008). Os dados facultados permitiram identificar, junto à povoação de Santa Rita, dois novos túmulos megalíticos ainda inéditos (Santa Rita 2 e Santa Rita 7) e um presumível povoado (Santa Rita 6) cujas evidências materiais recolhidas à superfície (cerâmica manual, pontas de seta, mós manuais, instrumentos de pedra polida, etc.) sugeriam uma relação sincrónica com os túmulos.

Um dos sítios arqueológicos identificados, *Santa Rita 2*, exibia à superfície evidências materiais prometedoras de ocultar um túmulo megalítico aparentemente bem conservado, com características similares aos casos arqueológicos identificados e escavados por Estácio da Veiga na região. A primeira aproximação à realidade arqueológica permitiu observar, em alguns sectores, restos dos esteios de cobertura, o topo de alguns esteios do corredor *in situ* e outros indicadores estruturais que anteviam a existência de níveis arqueológicos conservados. Porém, e apesar do seu aparente bom estado de conservação, eram visíveis indícios da sua deterioração recente produzida por factores de diversa índole (uso de agricultura mecanizada, vegetação de grande porte, erosão e incêndios florestais) que colocavam em risco as evidências arqueológicas que poderia ainda ocultar.

Dado que apresentava à superfície um razoável estado de conservação e por se tratar, muito provavelmente, de um dos últimos monumentos megalíticos conservados na região, susceptível de ser investigado com metodologias analíticas capazes de facultar elementos determinantes à explicação da sua história, foi seleccionado como primeiro laboratório de avaliação empírica.

Para averiguar o seu real estado de conservação foram desencadeadas as diligências necessárias que passaram em primeira instância pela limpeza geral da área envolvente, registo fotográfico exaustivo do sítio e ulterior documentação integral das estruturas expostas à superfície, bem como à execução de medidas de salvaguarda que permitissem a sua conservação para possível intervenção arqueológica subsequente integrada em projecto de investigação de maior envergadura, comportando a valorização do monumento megalítico e a sua classificação. Os dados facultados pelos trabalhos de limpeza não só confirmaram as expectativas inicialmente colocadas como o seu estado de conservação viabilizava uma intervenção arqueológica. Desta forma, por iniciativa da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António / Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela, foram então desenvolvidos trabalhos arqueológicos no túmulo megalítico de Santa Rita que decorreram entre Julho e Setembro de 2007.

Localização

O túmulo megalítico de Santa Rita localiza-se junto à povoação homónima, freguesia de Vila Nova de Cacela, Concelho de Vila Real de Santo António. Encontra-se implantado no topo de pequena elevação adjacente à margem direita da Ribeira das Hortinhas (afluente da margem direita da Ribeira de Cacela), dominando toda a paisagem do barrocal algarvio até ao litoral. Do ponto de vista geológico, o monumento apresenta uma localização bastante peculiar, uma vez que se encontra situado junto à falha paralela ao litoral que separa o maciço paleozóico a norte, e a cobertura mesocenozóica a sul. Localmente, o maciço paleozóico é representado pelo Grupo Flysch do Baixo Alentejo (Formação Mira) e apresenta litologia dominada por uma sucessão de sedimentos turbidíticos, que incluem grauvaques, siltitos, pelitos e intercalações de conglomerados. Na área de Cacela, a unidade mais antiga do Mesozóico assenta em discordância com o Grupo Flysch do Baixo Alentejo e é designada por Complexo de Grés de Silves. Trata-se de uma formação litológica do Triássico, que aflora numa faixa contígua segundo a direcção E-W, com várias variantes segundo a

sua posição estratigráfica mas que, de modo geral, é constituída por conglomerados, grés, arenitos e argilitos, cuja cor dominante é o vermelho e o violáceo. De idade Jurássica, e a sul onde se encontra localizado o monumento, é possível identificar algumas formações dolomíticas, brechas dolomíticas e calcários dispostos em bandas.

Como veremos, a interpretação das unidades geológicas da área em estudo é particularmente interessante quando averiguamos a proveniência das matérias-primas utilizadas na construção do monumento e avaliamos o respectivo esforço social empregue na sua materialização.

Metodologia e registo arqueológico

Os trabalhos desenvolvidos tinham como finalidade a avaliação do registo arqueológico em dois âmbitos: o interior do túmulo megalítico (câmara

funerária e corredor) e áreas adjacentes (*tumulus* e outros elementos estruturais e arquitectónicos). Com efeito, foi implantado um sistema cartesiano (X, Y) sobre um levantamento topográfico previamente executado por técnicos da CMVRS, com o objectivo de dividir a massa tumular em 4 quadrantes atendendo às particularidades da unidade geomorfológica onde se encontra implantado o túmulo megalítico (Fig. 1 e Fig. 2).

A primeira fase dos trabalhos incidiu sobre o corredor do monumento (Fig. 3). Como foi possível observar com a sua escavação integral, trata-se de uma estrutura de razoáveis dimensões, ligeiramente inclinada, orientada a Sudeste, com cerca de 5,00 m de comprimento, por 0,90 m de largura, não ultrapassando 1,20 metro de altura na zona de acesso à câmara funerária. A escavação micro-espacial no seu interior permitiu documentar um contexto de total revolvimento ocorrido provavel-

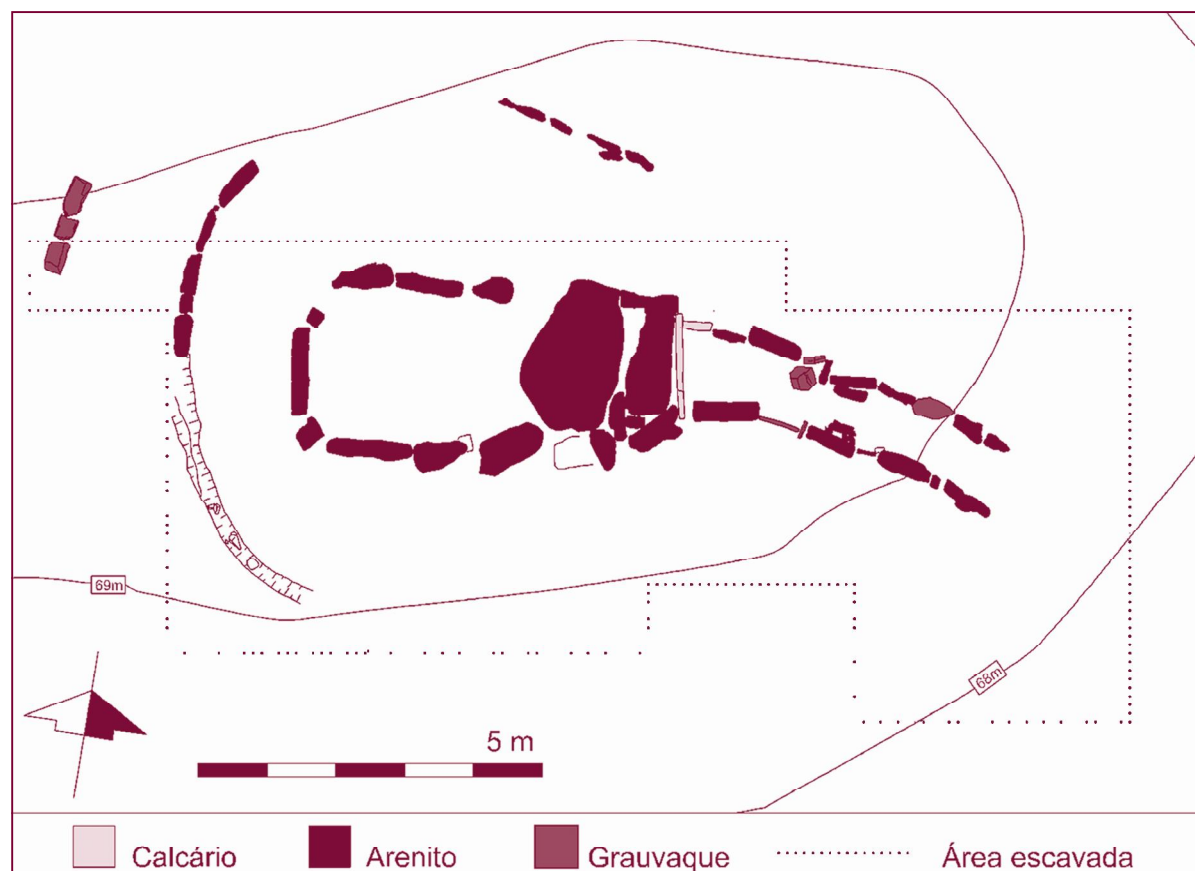


Fig. 1 – Planta geral do Túmulo Megalítico de Santa Rita com a identificação do tipo de matéria-prima utilizada na sua construção.



Fig. 2 – Vista aérea zenital do Túmulo Megalítico de Santa Rita.



Fig. 3 – Perspectiva do corredor do Túmulo Megalítico de Santa Rita vista desde Sudeste.

mente em tempos romanos, como parecem indicar alguns materiais de clara filiação romana identificados, sendo estas visitas as responsáveis pela amputação do único esteio em falta. No seu interior, foram ainda identificadas algumas lajes facturadas que deviam pertencer aos esteios de cobertura do corredor. O material pré-histórico identificado é escasso e resume-se apenas a duas pontas de seta de base concava e alguns fragmentos amorfos de cerâmica manual, identificados em contextos secundários.

Esta estrutura, por sua vez, culmina num original dispositivo de entrada na câmara funerária com cerca de 0,70 m de largura por 0,90 m de altura, encimado por lintel de calcário. Tombada no corredor, identificou-se uma laje integralmente talhada no mesmo material que pelas suas dimensões (1,00 m X 0,70 m) deverá corresponder à porta que selava a câmara funerária (Fig. 4).

Após a conclusão da intervenção arqueológica na área correspondente ao corredor do túmulo, procedeu-se à abertura de uma nova área de modo a identificar a câmara funerária e a interpretar alguns elementos líticos que afloravam à superfície em sectores adjacentes (Fig. 5). Os dados procedentes da escavação arqueológica nesta área permitiram identificar com maior rigor a arquitectura geral do túmulo megalítico. A câmara funerária apresenta planta de tendência rectangular, de dimensões razoáveis (5,00 x 2,20 m.), com eixo maior orientado sensivelmente a Este, conservando ainda alguns esteios de cobertura *in situ* (Fig. 1). Esta estrutura, como foi possível observar, encontrava-se delimitada por um duplo anel periférico e coberta por um *tumulus* composto por lajes de grauaque, bem conservado em alguns sectores. No entanto, ao contrário do que estava inicialmente planeado, a identificação de uma necrópole implan-



Fig. 4 – Detalhe do complexo de entrada na câmara funerária durante o processo de escavação.



Fig. 5 – Perspectiva geral do Túmulo Megalítico de Santa Rita vista desde Oeste.

tada sobre a massa tumular e a respectiva demora inerente à sua escavação e registo não permitiu proceder à intervenção arqueológica no interior da câmara funerária.

Estrutura arquitectónica e processo construtivo do monumento

As características arquitectónicas que o túmulo megalítico de Santa Rita apresenta permitem considerá-lo um dos monumentos mais expressivos do Algarve, sendo possível fazer uma reconstituição quase integral do seu aspecto primitivo bem como do seu processo de construção. A sua estrutura arquitectónica apresenta as seguintes características (Fig. 1):

- Túmulo megalítico ortostático, constituído por câmara sepulcral e corredor de acesso, parcialmente implantados no substrato geológico local (arenitos de Silves), tendo sido

escavados para este efeito cerca de 20m³ de rocha.

- O corredor, bem definido em planta e alçado, oferece dimensões razoáveis, com cerca de 5,00 m de comprimento e 0,90 m de largura máxima. Apresenta altura que oscila entre os 0,50 m na entrada e cerca de 1,20 m na área de acesso à câmara funerária (Fig. 1). Na sua construção, após a escavação parcial do substrato rochoso, as paredes foram revestidas com lajes de arenito e grauaque, sendo depois fixadas com elementos líticos que serviram de calços. Em planta é possível observar uma ligeira inclinação, bem como um pequeno átrio, antecedendo a entrada na câmara funerária, formado por duas lajes de grauaque dispostas transversalmente. Junto a estas foi identificado um monólito, disposto de forma a estreitar a passagem, com uma face afeiçãoada orientada à entrada do corredor. Oferecia parte superior amputada,

tendo sido identificada no interior do corredor em contextos de revolvimento ocorridos em época romana.

- O corredor culminaria num original dispositivo de entrada, constituído por um esteio de calcário, grande bloco de arenito como umbral e encimado por um lintel de calcário (Fig. 4). A sua disposição formaria pequena entrada de acesso à câmara funerária, perfeitamente definida, que seria selada por uma laje integralmente talhada em calcário, de formato rectangular, que se encontrava tombada no interior do corredor. Realce-se a monumentalidade de todo o conjunto, onde na selecção da matéria-prima primou uma estratégia de criar um efeito cenográfico com o intuito deliberado de produzir um sugestivo impacto visual recorrendo, para esse fim, a materiais de cores contrastantes (o branco do calcário e o vermelho escuro do arenito).
- A câmara apresenta, em planta, configuração de tendência rectangular (5,00 m de comprimento e 2,20 m de largura) com esteio de cabeceira bem demarcado. Foi integralmente escavada na unidade geológica local, sendo posteriormente revestidas as paredes com lajes de arenito. Conserva ainda dois esteios de cobertura, não sendo possível determinar se os restantes foram removidos ou se colapsaram, encontrando-se no interior da câmara funerária. No entanto, pelas evidências postas a descoberto, é de crer na verosimilhança da segunda hipótese.
- A câmara funerária seria coberta por *tumulus*, conservado em alguns sectores, constituído por lajes de grauvaque embaladas em sedimento de coloração amarela.
- Delimitando o *tumulus*, foi identificado um primeiro anel periférico, constituído por lajes de arenito fincadas no subsolo, num alvéolo de implantação previamente escavado para o efeito (Fig. 5). Apesar de não ter sido documentado na sua totalidade, os dados da intervenção quando combinados com alguns elementos que afloram à superfície permitem sustentar a hipótese de que este elemento arquitectónico estaria disposto

em forma de ferradura, delimitaria apenas a câmara funerária e serviria de suporte ao *tumulus* face aos agentes erosivos. Este facto sugere a existência de uma fachada rectilínea onde o complexo dispositivo de entrada mencionado anteriormente seria um dos elementos, criando no conjunto um impacto visual sobre o exterior. Indicia, também, que o corredor não seria coberto pela massa tumular (corredor extra-tumular), mas simplesmente por algumas lajes fracturadas identificadas no seu interior.

- Um segundo anel periférico, identificado no sector oeste, mas cujo traçado não foi possível de determinar, é constituído por lajes de grauvaque dispostas horizontalmente sobre o substrato geológico local (Fig. 5).
- No que respeita aos materiais empregues na construção do monumento, foi unicamente utilizada matéria-prima de proveniência local. O grauvaque e o arenito de Silves que compõe o corredor a câmara funerária e o *tumulus* são visíveis em grandes afloramentos localizados nas áreas circundantes. No entanto, as dimensões e as cicatrizes de extracção identificadas num dos afloramentos de arenito, situado a escassos 50 m a oeste do monumento, permitiram localizar com precisão a fonte de sub-ministro desta matéria-prima. O calcário, empregue unicamente no dispositivo de entrada na câmara funerária, apesar de inexistente nas imediações, aflora à superfície a menos de 500 m a sul.

A informação Antropológica

Como já salientámos, um dos aspectos mais surpreendentes desta campanha, foi a identificação de uma necrópole sobre o *tumulus* do monumento. De seguida apresentamos os resultados preliminares fornecidos pela intervenção antropológica no Túmulo Megalítico de Santa Rita.

A osteologia humana fende a espessa cortina do tempo. Como os tecidos esqueléticos e dentários desfrutam de uma natureza perene e dinâmica, sendo moldados pela biologia e pela cultura dos indivíduos, são testemunhos incontornáveis e reais

de eventos e condições a que estavam submetidas as populações do passado. Contêm os segredos da vida e da morte: doenças, *stress*, trauma, morte violenta, actividade física, uso do aparato dentário e regime dietético. Também possibilitam a reconstrução demográfica das populações (e.g., segmentação da população por sexo e classes etárias, mortalidade infantil, esperança média de vida, etc.), a reconstituição morfológica dos indivíduos e de um conjunto de práticas culturais ou a realização de avaliações críticas das rotinas funerárias (Curate, 2005).

A circunscrição dos ossos foi executada através da remoção do solo nas áreas adjacentes aos ossos, contornando-os. A intervenção antropológica permitiu a recuperação de 8 indivíduos, todos adultos. Um indivíduo é do sexo masculino, cinco são do sexo feminino e dois são alofisos (o sexo não foi determinado).

A grande maioria dos indivíduos foi inumada em sepulturas individuais (apenas uma sepultura apresenta uma inumação dupla), de fossa simples

ou estruturada por pequenos blocos líticos, em posição fetal sobre o lado direito e orientados a Este e a Sul (Fig. 6 e Fig. 7). Apenas um indivíduo parece ter sofrido uma redução óssea. As reduções correspondem a um reagrupamento de todos os ossos de um indivíduo ou, pelo menos, da sua maioria, no interior do espaço onde foi efectuado o depósito original (Duday *et al.*, 1990).

De um modo geral, os esqueletos encontravam-se bastante mal conservados e incompletos. Na sua grande maioria, as alterações tafonómicas encontradas na amostra estudada são de natureza mecânica, especificamente sob a forma de fracturas *post mortem*. Estas foram provocadas devido à fragilidade óssea fomentada pela humidade e acção destrutiva de raízes e também por influência antrópica.

A paleopatologia possui uma significação etimológica que a enuncia como o estudo das doenças em populações do passado. Quase todos os indivíduos desta amostra esquelética exibiam



Fig. 6 – Detalhe da inumação dupla (Indivíduos 1 e 2) sobre os esteios de cobertura da câmara funerária.



Fig. 7 – Detalhe da inumação individual (Indivíduo 4) sobre fossa identificada junto ao corredor.

desgaste dentário de severidade média e alguma reabsorção alveolar. Dois indivíduos ostentavam artrose vertebral de grau mínimo.

Os resultados antropológicos são, como foi anteriormente referido, preliminares e incompletos. A análise antropológica integral dos remanescentes ósseos recolhidos no túmulo megalítico de Santa Rita permitirá obter um vislumbre relevante sobre a vida e a morte desta comunidade desaparecida.

Interpretação preliminar da intervenção

Uma vez finalizada esta primeira fase dos trabalhos arqueológicos, é possível fazer algumas considerações de carácter preliminar enquanto não dispomos dos resultados provenientes do protocolo de análises aplicado. Apenas a continuação dos trabalhos arqueológicos no monumento, e os resultados obtidos das análises efectuadas (C14,

Antropologia, Palinologia, etc.), permitirão realizar uma primeira valorização global dos resultados de forma a tecer as primeiras interpretações históricas.

No entanto, apesar da documentação arqueológica se encontrar incompleta, ao não ter sido possível intervir na câmara funerária, os dados obtidos permitem fazer algumas apreciações de carácter preliminar:

- No que diz respeito à estrutura global do túmulo, foi possível identificar um complexo arquitectónico, constituído por um monumento de câmara e corredor. O *tumulus*, delimitado por um anel de pedras fincadas no subsolo, cobriria apenas a câmara funerária e seria, posteriormente, rematado por um segundo anel cujo traçado foi impossível de precisar.
- O bom estado de conservação do conjunto

permitiu identificar as pautas que obedeceram à sua construção e assim avaliar o esforço social empregue na sua materialização.

- A originalidade de alguns dos seus elementos permitem sublinhar o seu carácter estruturante na paisagem e no território social onde se inscreve, dado que foi construído para que seja visto desde o exterior. A construção de uma fachada onde foram utilizadas matérias-primas cuja selecção foi determinada pelas suas características cromáticas realça o impacto visual que este monumento teria na paisagem.
- Dadas as contingências da intervenção, não foi possível determinar cronologicamente o momento construção e de utilização do monumento. O espólio documentado, constituído por duas pontas de seta de base côncava e alguns fragmentos amorfos de cerâmica identificados no corredor, e uma pequena lâmina de sílex registada nas terras do *tumulus*, exige alguma contenção na hora de propor cronologias sem elementos científicos de análise.

A identificação de uma necrópole sobre o *tumulus* do monumento, vem acrescentar elementos de análise bastante sugestivos para explicar as dinâmicas que tiveram na base da sua construção e utilização. No entanto, só a sua integração cronológica e posterior contrastação com os dados a serem documentados no interior da câmara funerária permitirão tecer considerações mais pertinentes. Porém, é possível fazer algumas reflexões:

- A existência desta necrópole vem assinalar a continuidade de utilização deste espaço, mantendo o seu cariz funerário e simbólico enquanto lugar de memória mesmo após o seu presumível colapso estrutural.
- Por outro lado, vem também indiciar o presumível bom estado de conservação dos níveis arqueológicos associados ao momento de utilização da câmara funerária.
- Face à ausência, por enquanto, de elementos de cronologia absoluta para esta segunda fase, devemos circunscrever aos elementos

facultados pelos materiais identificados em uma das sepulturas, onde foi possível de documentar como espólio associado, um braçal de arqueiro, um punção de cobre, uma taça de carena baixa com um pequeno esférico no seu interior. Estes elementos permitem contextualizar estes enterramentos no seio dos conjuntos definidos por H. Schubart (1971) como “Horizonte Ferradeira”, num momento de transição dentro do processo histórico onde começamos a vislumbrar no registo arqueológico uma progressiva individualização do ritual funerário. No entanto, como já foi salientado, somente após a realização de datações radiocarbónicas será possível abordar esta problemática de forma mais rigorosa.

Considerações finais acerca da valorização social da intervenção

Os dados preliminares facultados pela intervenção arqueológica no túmulo megalítico de Santa Rita permitem fazer alguns comentários acerca da sua importância social e científica. Em primeiro lugar, os dados disponíveis permitem asseverar o excelente estado de conservação da estrutura arquitectónica e, por acréscimo, dos níveis arqueológicos subjacentes. O elevado valor científico deste conjunto justifica assim a necessidade de prosseguir com os trabalhos arqueológicos numa segunda fase, contemplando a escavação integral do monumento.

No entanto, a dimensão social do projecto não se deve circunscrever apenas à fase de investigação, devendo ser acompanhado por um conjunto de medidas destinadas à valorização patrimonial, contemplando a protecção do monumento, através da sua classificação, permitindo à sociedade resgatar a sua gestão tutelar.

Inserido neste âmbito, foram desenvolvidas paralelamente à intervenção arqueológica um conjunto de iniciativas que visaram uma aproximação recíproca entre Sociedade Civil e Arqueologia, no esforço de sensibilizar a população local para a importância de conhecer, investigar e proteger o seu património, de forma a despertar uma consciência tutelar que poderá vir a ser determinante na

conservação do monumento. Este diálogo profícuo estendeu-se também aos colectivos infantis e juvenis, na esperança que o contacto directo com o processo de investigação (escavação arqueológica) e o próprio monumento os estimulasse para a salvaguarda e conhecimento o seu passado.

Porém, no futuro, além da valorização patrimonial e paisagística do próprio monumento, pretende-se que o seu desfrute seja suportado por uma estrutura vocacionada para a interpretação e usufruto do património local e regional. A recente reabilitação da antiga Escola Primária de Santa Rita, e a abertura em 2005 do Centro de Interpretação e Investigação do Património de Cacela com intervenção nas áreas da investigação, valorização e divulgação do Património, enquadra-se nesta política patrimonial.

Para concluir, “Pré-História e Megalitismo na região de Cacela” pretende ser um projecto que contemple a prática de uma Arqueologia socialmente comprometida, através de uma acção integrada entre passado, presente e futuro, que estimule uma aproximação da população ao passado, através do seu conhecimento (Investigar para Divulgar e Conservar), e uma consciência tutelar perante o seu legado patrimonial (Nocete e Peramo, 2004).

Bibliografia

CURATE, F. (2005): *Pressentindo o silêncio: A perda de osso relacionada com o envelhecimento na Coleção de Esqueletos Identificados do Museu Antropológico*. Tese de Mestrado em Evolução Humana, Coimbra: Universidade de Coimbra

DUDAY, H.; COURTAUD, P.; CRUBÉZY, E.; SELLIER, P.; TILLIER, A. (1990): *L'Anthropologie de "Terrain"*. In Leclerc, J. (Coord.) Reconnaissances et Interprétation des Gestes Funéraires. La Notion de Sépulture. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*. T.2, nº 3-4, p. 13-18

GARCIA, C. (2008): *Cacela, Terra de Levante. Memórias da Paisagem Algarvia*. Vila Real de Santo António, Câmara de Vila Real de Santo António e Campo Arqueológico de Mértola.

NOCETE, F. y PERAMO, A. (2004): *Difundir para conservar e investigar: El Centro de Interpretación sobre el Megalitismo de Zalamea la Real (Huelva)*.

In VII Jornadas de difusión. Huelva. Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía.

NOCETE, F., LIZCANO, R. y BOLAÑOS, C. (1999): *Más que Grandes Piedras. Patrimonio, Arqueología e Historia desde la Primera Fase del Programa de Puesta en Valor del Conjunto Megalítico de El Pozuelo (Zalamea la Real, Huelva)*. Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía. Sevilla.

SHUBART, H. (1971): *O Horizonte de Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico final no Sudoeste da Península Ibérica*. Revista de Guimarães, vol. LXXXI, nº 3-4, p.189-216.

VEIGA, E. (1886): *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistóricos*. 1. Imprensa Nacional, Lisboa.